

## AS POLIFONIAS

Ana Maria Junqueira Fabrino\*

MICHELETTI, Guaraciaba. *Na confluência das formas – O discurso polifônico de Quaderna/Suassuna*. São Paulo: Clíper, 1997. 160 p.

Polifonia tornou-se sinônimo de mescla. Na música é a combinação de várias vozes numa mesma composição. Em sua obra *Na confluência das formas*, Guaraciaba Micheletti aborda a polifonia dos gêneros literários através da leitura d'*O romance d'a pedra do reino e o príncipe do sangue do vai-e-volta*, primeira parte da trilogia *A maravilhosa desventura de Quaderna, O decifrado e A demanda novelosa do Reino do Sertão*, de Ariano Suassuna, autor do *Auto da Compadecida*.

Os gêneros (ou subgêneros) literários destacados por Guaraciaba, que se misturam para compor o "romance" de Suassuna, são: o folhetim, o folheto, a crônica, o memorial, o romance de cavalaria, a epopéia, o mito, o ensaio e o próprio romance, revisitado (é a "confluência de todos os gêneros – o *Romance conciliavutudo*", p. 94). A dificuldade de classificar a obra de Suassuna em um gênero definido (seria exatamente um "romance"?) possibilitou a abordagem de Guaraciaba que, através da análise de cada forma (ou realizações da forma literária), salienta, n'*A pedra do reino*, as inúmeras colagens que Quaderna – o narrador – faz para compor sua obra e justificá-la:

"Para tornar a coisa mais segura, resolvi entremear, na minha narrativa em prosa, versos meus e de Poetas brasileiros consagrados: assim, além de condensar no meu livro, toda a Literatura brasi-

---

\* Pós-graduanda FFLCH/USP.

leira, faria do meu Castelo Sertanejo a única Obra ao mesmo tempo em prosa e verso, uma obra completa, modelar e de primeira classe!" (nota 2, p. 115).

Assim, *esta* polifonia transforma-se em intertextualidade: Quaderna "utiliza" textos consagrados (a *Bíblia*, *Odisséia*, *Eneida*, *Os Lusíadas*, *A demanda do Santo Graal*, autores brasileiros, como Álvares de Azevedo, Augusto dos Anjos e também cantadores populares). Porém, há outras "polifonias": a de vezes, por vezes o Quaderna-narrador cede o "turno" ao Suassuna-autor ("o depoimento de Quaderna ao Corregedor transforma-se no depoimento-denúncia do sertanejo Ariano Suassuna à nação brasileira", p. 14). Ocorre também a "mescla" dos didaticamente chamados discursos de base (a descrição, a narração e a dissertação). Que há descrição na narração é facilmente aceitável, assim como um argumento pode ser narrado – o que acontece é uma dissertação sobre imitação literária (p. 143) – as discussões de Quaderna, Clemente e Samuel sobre os procedimentos narrativos (p. 93) seriam uma reflexão estética. Há também uma reflexão ideológica, meio oculta, mas há: "Quaderna afirma que no 'mesmo instante' em que arruma tudo, tem que 'desarrumar tudo de novo' pois 'ninguém é tão fanático a ponto de fazer Literatura em troca de Cadeia' " (p. 99).

A presença da fragmentação e da mescla de gêneros não faz do romance uma colcha de retalhos, há retalhos, mas eles são bem costurados através da oralidade e da paródia. A construção do "Castelo literário" de Quaderna se dá de forma consistente e essa consistência vem do *riso*: é pela paródia, pela apropriação do "cara-de-pau" de textos por meio de colagens que Quaderna "conta" sua história: "O riso brota a cada momento na narrativa. Quaderna, mesmo oportunista e preso à 'rasa e cruel realidade', não passa de um sonhador, um Quixote do século XX, tentando fundir extremos – o erudito e o popular, o moderno e o arcaico, a esquerda e a direita, o nacional e o importado – para reencontrar a totalidade perdida" (p. 143). E é contando e rindo e misturando "histórias" que se chega à oralidade, nascedouro de todos os discursos (as primeiras "canções"), presente na crônica e na linguagem popular escolhida pelo narrador.

Assim, Guaraciaba explica a narrativa compósita praticada por Quaderna e a valoriza, pois há um eixo que a define: a oralidade e a paródia que unirão o mosaico literário e permitirão o surgimento de outra forma. É a variedade de "efeitos polifônicos" que se torna possível devido à própria postura do narrador: "a Obra continuará em suspenso e aberta" (p. 141), e é também a postura do autor:

*A pedra do reino* faz parte de uma trilogia inacabada. Uma atitude semelhante está presente no homem contemporâneo: o acúmulo de informações oferece inúmeras respostas. E quais são as perguntas? Se há explicação para quase tudo, onde fica a dúvida?

Suscitar a dúvida é parecido com o estabelecimento do suspense, explorado por Suassuna para prender a atenção do leitor de seu "romance" e instigado por Guaraciaba: afinal, a que gênero literário pertence *A pedra do reino*? Na *confluência das formas* acaba tendo uma função semelhante à das "explicações introdutórias" dos folhetos d'*A pedra do reino*: causa água na boca e uma vontade incrível de devorar a obra de Suassuna para que o leitor possa, assim, tirar suas próprias conclusões.